



REDE DE
OBSERVATÓRIOS
DA SEGURANÇA

INFÂNCIA INTERROMPIDA: NÚMEROS DA VIOLÊNCIA CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES



cesc

Centro de Estudos de Segurança e Cidadania

REDE DE OBSERVATÓRIOS DA SEGURANÇA

Um projeto do Centro de Estudos de Segurança e Cidadania (CESeC)

Coordenação do CESeC

Julita Lemgruber
Leonarda Musumeci
Sílvia Ramos

Coordenador adjunto

Pablo Nunes

EQUIPE DA REDE DE OBSERVATÓRIOS DA SEGURANÇA

Coordenadora geral

Sílvia Ramos

Coordenador de pesquisa

Pablo Nunes

Coordenadora de comunicação

Juliana Gonçalves

Pesquisador

Jonas Pacheco
Pedro Paulo da Silva

Articuladora e pesquisadora

Bruna Sotero

Designer

Renato Cafuzo

Gerente

Ana Paula Andrade

OBSERVATÓRIO DA SEGURANÇA BAHIA

Dudu Ribeiro
Luciene da Silva Santana

OBSERVATÓRIO DA SEGURANÇA CEARÁ

Ana Letícia Lins
Cesar Barreira
Ricardo Moura

OBSERVATÓRIO DA SEGURANÇA MARANHÃO

Luiz Eduardo Lopes da Silva
Thiago Brandão Lopes

OBSERVATÓRIO DA SEGURANÇA PERNAMBUCO

Dália Celeste
Deila Martins
Edna Jatobá

OBSERVATÓRIO DA SEGURANÇA PIAUÍ

Elton Guilherme
Lila Cristina Xavier Cruz
Maria D'Alva Macedo Ferreira
Marcondes Brito da Costa

OBSERVATÓRIO DA SEGURANÇA RIO DE JANEIRO

Bruna Sotero
Itamar Silva
Pedro Paulo da Silva
Sílvia Ramos

OBSERVATÓRIO DA SEGURANÇA SÃO PAULO

Bruno Paes Manso
Francine Ribeiro

ORGANIZAÇÕES FORMADORAS DA REDE

Centro de Estudos de Segurança e Cidadania (CESeC)

Iniciativa Negra por uma Nova Política sobre Drogas (INNPD)

Gabinete de Assessoria Jurídica às Organizações Populares (Gajop)

Laboratório de Estudos da Violência (LEV/UFC)

Núcleo de Estudos da Violência (NEV/USP)

Núcleo de Pesquisas sobre Crianças, Adolescentes e Jovens - (UFPI)

Rede de Estudos Periféricos - (UFMA/ IFMA)

PARCEIROS NA COLETA DE DADOS

Fogo Cruzado

Fórum Brasileiro de Segurança Pública

Monitor da Violência

FALE COM A GENTE

rededeobservatorios@gmail.com

Twitter: @rede_seguranca

Facebook: @rededeobservatorios

Instagram: @redeobservatorio



INFÂNCIA INTERROMPIDA: NÚMEROS DA VIOLÊNCIA CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES

O que será que Henry Borel e Miguel Otávio gostariam de ser quando crescessem? Quais seriam os planos das primas Emily Vitória e Rebecca Beatriz? Qual seria a primeira paixão de Mizaél Fernandes, Juan Ferreira e João Pedro? E onde estão os meninos de Belford Roxo? Estas são perguntas que ficaram sem respostas nos últimos dois anos entre os 1.473 eventos de violência contra crianças e adolescentes, que acumulam casos de violência letal, institucional e sexual. Esse é o número registrado em cinco estados da Rede: Bahia, Ceará, Pernambuco, Rio de Janeiro e São Paulo¹.

Henry Borel (4), foi morto espancado pelo padrasto, o ex-vereador do Rio de Janeiro Dr. Jairinho. Miguel Otávio (5) estava sob responsabilidade da primeira dama de Tamandaré- PE, Sari Corte Real, quando caiu do prédio onde a mãe trabalhava. As primas Emily (4) e Rebecca (7) brincavam na porta de casa, em Duque de Caxias-RJ, quando foram atingidas pela mesma bala. Mizaél (13) dormia quando foi morto pela Polícia Militar do Ceará, que também matou Juan Ferreira (14). João Pedro (14) brincava com os primos em São Gonçalo - RJ quando a Polícia Civil invadiu a casa em uma operação e matou o menino.

¹ Os Observatórios do Maranhão e Piauí passaram a compor a Rede em agosto de 2021 e os números apresentados a seguir não incluem o monitoramento nesses estados.

A violência contra a infância é marcada por uma série de contravenções e desrespeito aos direitos básicos assegurados pelo ECA - Estatuto da Criança e do Adolescente, que em 2021 completou 31 anos. O instrumento foi um marco histórico, social e jurídico no que se refere às narrativas das infâncias brasileiras e, em especial, no quesito de proteção integral da criança e do adolescente. Mesmo a sua promulgação tendo colocado prioridade absoluta na defesa dos direitos das crianças e dos adolescentes, na prática a história é outra. Nosso objetivo enquanto Rede de Observatórios é também passar por esse recorte etário que marca a infância e juventude e as especificidades dessas violências. Nossas pesquisadoras conseguiram monitorar a violência dentro e fora de casa - quando o algoz muitas vezes é a família e outras vezes é o próprio Estado. A Rede de Observatórios registrou um caso de violência contra crianças e adolescentes a cada 12 horas nos últimos dois anos. Como vemos abaixo, os eventos variam por estado, chegando a 353 em São Paulo nesse período de dois anos.

EVENTOS DE VIOLÊNCIA CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES DE JUNHO DE 2019 A MAIO DE 2021



Fonte: Rede de Observatórios da Segurança

São casos de violência sexual, agressão física, abandono, bala perdida, sequestro e outros. Um mesmo registro pode apresentar mais de um tipo de violência, como no caso de Miguel Otávio que há negligência e homicídio e também do menino Henry onde existe agressão e homicídio. Aliás, a violência letal lidera o ranking da violência contra crianças e adolescentes. Pernambuco é o estado mais perigoso para a vida dos jovens, com 165 registros de homicídio, o equivalente a um terço do total de 507 casos de morte violenta de crianças e adolescentes. Pernambuco fica à frente da Bahia e do Rio de Janeiro, respectivamente.

TIPOS DE VIOLÊNCIA CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES DE JUNHO DE 2019 A MAIO DE 2021

	BAHIA	CEARA	PERNAMBUCO	RIO DE JANEIRO	SAO PAULO	TOTAL POR TIPO
Homicídio	114	91	165	87	50	507
Violência sexual e estupro	88	58	54	57	184	441
Agressão física/Tentativa de homicídio/Tortura	43	46	49	65	71	274
Abandono/Negligência	4	9	7	27	29	76
Cárcere privado/ Sequestro	6	16	3	27	20	72
Bala perdida	5	4	19	37	0	65
NI	6	20	0	17	0	43
Outros	1	9	13	7	11	41
Total por estado	267	253	310	324	365	1.519

Fonte: Rede de Observatórios da Segurança

Lembramos que esta tabela não apresenta apenas números, são crianças e adolescentes com nomes, histórias de vida e um futuro pela frente passando por diversas violências. E a maior parte das vítimas, quando olhamos o total de casos de todos os estados, são meninas. Em São Paulo, o número de meninas vítimas é mais que o dobro que o de meninos. O estado também apresentou um aumento de 129% de casos nos cinco primeiros meses de 2021 se comparado com o mesmo período do ano passado - elevando o índice geral. No total, quando olhamos os cinco estados, tivemos um aumento de 10,3% de registros de violência contra criança e adolescente nos primeiros cinco meses desse ano.

O lar que deveria oferecer segurança é, muitas vezes, o mesmo que vira cenário de feridas e traumas. No contexto de pandemia, houve um agravamento, tendo em vista que essas crianças e esses adolescentes passaram a ficar mais tempo dentro de casa com seus familiares, conhecidos e/ou vizinhos, sendo eles, na maioria das situações, os responsáveis pelas agressões, conforme apontam os dados da Rede.

Ainda, de acordo com a Rede de Observatórios, a cor das crianças e adolescentes que mais sofreram violências é preta, quando há essa informação, pois isso é omitido na maioria das vezes. Foram **124** casos ocorridos com crianças e adolescentes pretos, **50** brancos e mais de **1200** sem informação. Mas sabemos bem a cor de quem sofre violência no país. De acordo com o Atlas da Violência, **77%** das mortes que ocorrem no Brasil são de pessoas negras. Dessa forma, conhecemos a cor das vítimas cujos dados são omitidos.



SINTOMAS DE UMA EPIDEMIA: NÚMEROS NO NORDESTE

Edná Jatobá²

É importante ressaltar a importância dos números, mas também materializar seu significado. Quando falamos dos dados sobre ações violentas contra crianças e adolescentes, na maioria das situações, a violência parte de pessoas que compõem o círculo social mais próximo. No monitoramento da Rede foi possível averiguar nos estados do Nordeste analisados (PE, BA e CE), 172 casos protagonizados por pai, mãe, padrasto e/ou madrasta e outros familiares dessas vítimas. Houve, ainda, 31 casos realizados por agentes do Estado (força policial), 78 por conhecidos e outros 151 casos em que desconhece a autoria. Ainda sobre o contexto das violências que acontecem dentro ou bem próximo às residências dessas crianças, é importante destacarmos o aumento de casos de abuso sexual. Dentro do levantamento da Rede esse é o alerta: violência sexual é o segundo tipo de violência mais cometida contra crianças e adolescentes.

Entre junho de 2019 e maio de 2021, a Rede fez 441 registros de violência sexual e estupro nos cinco estados analisados. Nos estados nordestinos, comparando dentro do período, observamos 200 ocorrências. A Bahia lidera os

² Coordenadora do Observatório da Segurança de Pernambuco e do Gajop.

casos entre os estados monitorados pela Rede no Nordeste com 88 casos e no geral só fica atrás de São Paulo que acumula 184 casos - mais que o triplo de homicídios contra crianças e adolescentes cometidos no estado de São Paulo. É claro que o tamanho da população dos estados influencia o número de eventos, mas a frequência em que casos de violência entre crianças e adolescentes circula nos meios de comunicação, redes sociais e redes de segurança pública (polícias, delegacias etc.) também corresponde à relevância que esses eventos recebem da sociedade.

Uma especificidade do Ceará, entre todos estados acompanhados pela Rede, são os casos em que o tipo de violência aparece como “não informado”. Essa sub-representação demonstra uma estrutura que tende a invisibilizar violências e dificultar o acesso aos direitos das crianças e adolescentes. O que se reflete, por exemplo, no caso de Mizael, em que a polícia alegou legítima defesa contra uma criança que estava dormindo. É preciso entender as nuances das violências cometidas e seus números para estruturar políticas públicas específicas que impactem e minimizem esses índices.

É PRECISO ENTENDER AS
NUANCES DAS VIOLÊNCIAS
COMETIDAS E SEUS NÚMEROS
PARA ESTRUTURAR POLÍTICAS
PÚBLICAS ESPECÍFICAS



CRIANÇAS SOB TUTELA DO ESTADO

A Rede de Observatórios também coletou diversas notícias sobre violência e violações contra adolescentes dentro do sistema socioeducativo nos três estados do Nordeste analisados. Nesses centros, os adolescentes cumprem medidas em regime de internação ou semiliberdade, sob a tutela do Estado, e deveriam estar, a princípio, com seus direitos e sua integridade física resguardados. Parte dessas notícias descreve o horror encontrado durante inspeções realizadas pelo GAJOP, em parceria com a Defensoria e o Ministério Público estaduais em Pernambuco. São casos de adolescentes sendo torturados, perdendo órgãos após sessões de intensa tortura e submetidos a tratamento cruel, desumano e degradante, dentro de unidades de internação.

Um desses registros se refere a uma unidade localizada no Recife, onde socioeducandos foram encontrados dormindo sem colchão, no chão frio, junto aos ratos e a poças d'água provenientes de infiltrações. Se na capital do estado, onde o controle social dos direitos da criança e do adolescente acontece de forma mais contínua e estruturada, ainda encontramos situações absurdas como as citadas, imaginemos nos municípios distantes e de difícil acesso aos serviços de garantia desses direitos.

A Bahia, dentre os estados nordestinos analisados, possui o maior índice de violência dentro do sistema prisional e socioeducativo. Foram mais de **100** incidentes nas unidades do estado de 2019 a 2021. Ainda na Bahia foram encontrados os maiores números de ações policiais dentro dos sistemas, totalizando **49** incidências.

A BAHIA, DENTRE OS ESTADOS NORDESTINOS ANALISADOS, POSSUI O MAIOR ÍNDICE DE VIOLÊNCIA DENTRO DO SISTEMA PRISIONAL E SOCIOEDUCATIVO.

No Ceará, foram encontradas quatro denúncias de unidades prisionais e socioeducativas em condições insalubres. O estado também teve o maior índice computado de fugas, totalizando **56** casos.

São vidas jovens e vidas negras. Vidas essas que deveriam ter sido protegidas com prioridade pelo Estado e também pela sociedade. Os números nos dão um panorama importante do que é sintomático de uma violência, agravada ainda mais por uma pandemia mundial. Infelizmente, quando falamos de violência contra crianças e adolescentes no Brasil, o Estatuto da Criança e do Adolescente é negligenciado na sua essência. Ou, como já dissemos no Relatório Anual da Rede de Observatórios: não passa de letra fria num papel esquecido.

SÃO VIDAS JOVENS E VIDAS NEGRAS. VIDAS ESSAS QUE DEVERIAM TER SIDO PROTEGIDAS COM PRIORIDADE PELO ESTADO E TAMBÉM PELA SOCIEDADE.



O QUE JUSTIFICA CRIMES DE ÓDIO A CRIANÇAS E ADOLESCENTES?

Bruna Sotero³, Francine Ribeiro⁴

Durante o monitoramento realizado pela Rede de Observatórios, estamos atentas às histórias que permeiam os dados. Nesses primeiros dois anos de trabalho, fomos tocadas por diversos casos em que crianças foram vítimas de violências. Rio e São Paulo, os estados do sudeste que acompanhamos, acumulam 677 casos - o equivalente a 46% dos registros.

No entanto, São Paulo, lidera os números entre os cinco estados, sobretudo com casos de violência sexual. Além de apresentar um aumento de 129% de casos nos primeiros cinco meses de 2021. O estado tem a maior população e também a maior renda entre os monitorados, mas o seu desenvolvimento econômico não significa bem-estar social.

Crianças de cinco, seis, nove anos, que mal sabem falar ou nomear aquilo que passam se tornam alvos fáceis de familiares mal-intencionados. Na grande São Paulo, uma menina de apenas 9 anos foi duplamente estuprada por dois rapazes, um deles era meio-irmão dela, em perícia médica o abuso foi constatado e já ocorria há algum tempo. A mãe

³ Bruna é pesquisadora do Observatório da Segurança no Rio de Janeiro

⁴ Francina é pesquisadora do Observatório da Segurança de São Paulo

precisava trabalhar e por isso deixava a filha aos cuidados desse meio-irmão todas as noites. São Paulo é o estado com maior número de casos de violência sexual contra crianças e adolescente entre os 441 registros da Rede: foram 184 casos monitorados.

GRÁFICO COM O NÚMEROS DE VIOLÊNCIA SEXUAL NOS ESTADOS



Fonte: Rede de Observatórios da Segurança

Outra coisa que impressiona no estado é o aumento do número de casos no interior. Em 2019, registramos 35 crimes na região e no ano seguinte monitoramos 148 casos. Em 2021, já temos 77 registros no interior. Observando comparativamente, a pandemia, certamente, foi um fator agravou a violência existente nos lares. Em Avaré, interior da Capital, um menino de apenas 7 anos foi morto pelo padrasto e a mãe. Em outro caso, mas no litoral do Estado, uma menina de 11 anos, que era constantemente agredida, foi morta pela própria mãe⁵. Em São Paulo, as crianças vítimas têm a média de idade de 8,8 anos.

Os crimes envolvem tortura e foram praticados por quem deveria proteger a vida dessas crianças. A vulnerabilidade pode ser constatada pelo fato de que a violência vem de quem deveria amar. Dos 290 casos em São Paulo com autoria conhecida, 185 têm algum parentesco com a vítima. Principalmente pais, mães (algumas coniventes por medo do agressor), padrasto e madrasta - 81,4% dos algozes são homens.

Cada história que tomamos conhecimento mobiliza as pesquisadoras e nos perguntamos o que sustenta tanto ódio? Por que tantos homicídios de crianças? Qual o motivo das agressões e cárceres privados? Por que há abandono? Tudo nos leva a crer que a cultura da violência arraigada na nossa sociedade, às vezes se reproduz fortemente nas relações interpessoais e intrafamiliares.

TUDO NOS LEVA A CRER QUE A CULTURA DA VIOLÊNCIA ARRAIGADA NA NOSSA SOCIEDADE, ÀS VEZES SE REPRODUZ FORTEMENTE NAS RELAÇÕES INTERPESSOAIS E INTRAFAMILIARES.

⁵ <https://agora.folha.uol.com.br/sao-paulo/2021/08/mulher-e-presa-suspeita-de-espancar-ate-a-morte-a-filha-de-11-anos-no-litoral-paulista.shtml>

O menino Henry - citado no início deste boletim - não foi o único a morrer após sessões de agressões no Rio de Janeiro. No interior do estado, uma menina de apenas seis anos foi morta após ter sido torturada pela mãe e a madrasta⁶. Segundo as investigações, a motivação foi o ciúme da companheira da mãe em relação à criança. Esses casos estão entre 324 tipos de violências registradas no período de julho de 2019 a maio de 2021. A maior parte dos registros foi concentrada na região metropolitana (164 registros) - sendo o homicídio o tipo de violência que mais se destaca, com 87 casos. Os meninos são os mais atingidos por essas violências, alcançando 46% dos registros (há casos não informados). No Rio, a média de idade das vítimas é de 10,3 anos - somando todos os sexos e gêneros.

Crianças e adolescentes estão expostos de diferentes maneiras. Nosso monitoramento registrou até mesmo um recém-nascido abandonado em uma lixeira que estava prestes a ser triturado no Rio de Janeiro. Ele foi resgatado após a equipe que realizava a coleta escutar seu choro⁷. Também destacamos o caso um menino de 8 anos, portador de transtorno do espectro autista, que foi mantido em cárcere privado por sua mãe e avó em um canil⁸, na região metropolitana do Rio. Não se sabe por quanto tempo esteve nessa situação.

Um destaque do Rio de Janeiro em relação aos outros estados monitorados são os registros de bala perdida - que matam crianças até mesmo dentro da barriga das suas mães, como o bebê de Kethlen Romeu que foi vítima de uma tróia policial e morreu antes mesmo de conhecer o mundo aqui fora. O Estado contabiliza 37 registros de crianças vítimas de balas perdidas, mas que acabam sempre encontrando, na sua maioria, crianças negras nas favelas, como as meninas de Duque de Caxias e João Pedro em São Gonçalo.

São muitos os casos aterrorizantes de crianças vítimas somente em dois anos de estudos feitos pela Rede. Esses dados chocantes alertam, num mês tão importante para nossas crianças, de que mesmo em casa não estão a salvo. Temos muitas perguntas e quase nenhuma resposta que justifique esse tipo de crime. É preciso um olhar atento de todos nós, parentes, vizinhos, para que um período da vida que deveria ser doce não seja marcado por violências e traumas. É preciso mobilizar toda a sociedade para o fato de que crianças e adolescentes precisam de proteção.

É PRECISO MOBILIZAR TODA A SOCIEDADE PARA O FATO DE QUE CRIANÇAS E ADOLESCENTES PRECISAM DE PROTEÇÃO.

⁶ <https://g1.globo.com/rj/sul-do-rio-costa-verde/noticia/2021/04/20/crianca-de-seis-anos-agredida-em-porto-real-foi-torturada-por-dias-diz-policia-civil.ghtml>

⁷ <https://odia.ig.com.br/rio-de-janeiro/2021/06/6176721-bebe-e-abandonado-dentro-de-lixeira-que-estava-prestes-a-ser-triturada-no-complexo-do-alemao.html>

⁸ <https://oglobo.globo.com/rio/menino-autista-era-mantido-trancado-em-canil-na-baixada-fluminense-mae-avo-foram-presas-25023884>

SOBRE O RELATÓRIO

Edição

Juliana Gonçalves

Design e ilustrações

Renato Cafuzo

REALIZAÇÃO

cesec

Centro de Estudos de Segurança e Cidadania



observatorioseguranca.com.br



@redeobservatorios



@rede_seguranca



@rededeobservatorios

BAHIA

CEARÁ

MARANHÃO

PERNAMBUCO

PIAUÍ

RIO DE JANEIRO

SÃO PAULO

**INICIATIVA
NEGRA**

**Laboratório
de Estudos
da Violência**

REP
Rede de Estudos Partilhados

GAJOP



cesec
Centro de Estudos de Segurança e Cidadania

NEV
Núcleo de Estudos de Violência
Universidade de São Paulo

APOIO



**FORD
FOUNDATION**

APOIO INSTITUCIONAL



**OPEN SOCIETY
FOUNDATIONS**